

Educação continuada e o mercado

Procura por cursos da Escola de Engenharia da USP cresceu nos últimos cinco anos

Fábio Lopes
de São Paulo

Está crescendo a procura por programas de educação continuada. Essa é uma constatação do Programa de Educação Continuada em Engenharia (Pece) da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Com base no número de matrículas, verificou-se um aumento de 33% no número de inscritos nos últimos cinco anos.

O programa tem quatro datas para inícios de cursos, que são março, maio, agosto e outubro. Em 1992, cerca de 200 pessoas se inscreveram em cada uma das datas. Neste ano, o número subiu para 600 alunos, em média, em cada período.

O maior número de alunos permitiu também que a escola passasse a oferecer mais cursos. Em 1992, de cada 50 cursos oferecidos, apenas 10 eram realizados. Nos quatro ciclos deste ano foram oferecidos cerca de 40 cursos, dos quais 35 foram efetivamente realizados.

Para o professor Ronaldo de Breyne Salvagni, coordenador geral do Pece, o crescimento têm relação direta com a abertura do mercado brasileiro. Com o aumento da competição, as empresas sentem cada vez mais a necessidade de contar com profissionais melhor preparados.

Salvagni lembra que em outras áreas, como administração, a

educação continuada já está mais difundida mas que em engenharia, por exemplo, não se constata a mesma preocupação. "Culturalmente, a pessoa termina a faculdade e está formada, pronta, não precisa aprender mais nada. Mas, com a velocidade com que a tecnologia se modifica, não dá mais para terminar a graduação e achar que já sabe tudo", adverte.

Ele lamenta que continue arraigada na cultura do País a necessidade do "canudo", o que dificulta a atualização dos conhecimentos por meios mais informais e até mesmo a correta aplicação da educação continuada.

Educação continuada pressupõe que a pessoa vai estar sempre aprendendo. O professor diz que o conhecimento também tem prazo de validade, e uma pessoa que fez um curso há dez anos, sem nunca mais ter procurado se atualizar, provavelmente já precisa fazer outro curso.

Assim, quando ele faz um dos cursos do Pece, por exemplo, recebe um diploma. Mas, passados alguns anos, precisaria refazer o curso porque a tecnologia já mudou. Mas ele não vai optar por fazer o mesmo curso, do qual já tem o diploma. "Ainda estamos

tentando resolver este problema", afirma Salvagni.

De qualquer forma, ele diz que a necessidade de atualização constante exige uma mudança nas estruturas tradicionais. Cita como outro exemplo os registros profissionais. "Um engenheiro que se formou há quarenta anos e nunca exerceu a profissão tem o direito legal de se responsabilizar por um projeto", reclama.

A saída, segundo Salvagni, seria condicionar o registro a um prazo de validade, que precisaria

"Com a velocidade com que a tecnologia se modifica, não dá mais para terminar a graduação e achar que já sabe tudo"

ser renovado mediante comprovação de que o profissional se manteve atualizado. Aí não contam só os cursos, mas

outras formas de atualização como a leitura de revistas e publicações especializadas.

"Não dá para querer avaliar somente da forma tradicional. O conhecimento pode ser adquirido de diversas formas. Os cursos são a forma mais eficiente porque eles têm o objetivo de ensinar e não apenas divulgar."

Ele diz sentir uma mudança de mentalidade, tanto das empresas quanto dos profissionais, no sentido de darem mais valor à educação continuada. Mas isso não significa que as empresas estejam pagando os cursos para

seus funcionários. A maioria dos profissionais que procuram o Pece ainda banca do próprio bolso as despesas do curso. Somente cerca de 30% dos alunos têm sua atualização paga pela empresa. "De um modo geral," diz ele, "as estatais tendem a investir um pouco mais, mas sem uma quantidade que mereça destaque".

Junto com o aumento da demanda, constata-se também um crescimento da oferta. Salvagni alerta, porém, que muitos dos cursos novos que estão surgindo não trazem os benefícios esperados. Ele aconselha os interessados a fazer uma seleção cuidadosa antes de se matricular. "É preciso ver qual é a instituição que está oferecendo o curso, quem são os professores e, principalmente, conversar com alguém que já tenha feito o curso para ter referências."

Para escolher o curso certo, o principal critério a ser observado é saber se ele vai trazer os benefícios que o aluno espera. "Cada um conhece melhor as suas necessidades de atualização, de acordo com suas metas pessoais ou as de sua empresa. Por isso deve escolher um curso que atenda a esta necessidade."

Procurando atender melhor à necessidade individual de cada aluno, o Pece montou seus cursos em uma estrutura modular. Além das matérias básicas, o aluno escolhe outras de acordo com o enfoque que deseje.